

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PROPOSTA CURRICULAR PARA O 1º SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Vera Maria Masagão Ribeiro (org.)

São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1997. 239 p.

Após vários anos de atuação educacional com jovens, a organização não governamental Ação Educativa formou uma equipe de especialistas com o objetivo de elaborar uma proposta curricular que fosse suficientemente flexível para, por um lado, atender à pluralidade de objetivos e necessidades dos diversos programas de alfabetização de jovens e adultos e, por outro, fornecer subsídios para a concretização de objetivos específicos importantes na educação básica desses grupos. Este valioso volume é o fruto de tal iniciativa, que contou também, ao longo dos vários anos do processo de elaboração, com a assessoria de diversas instituições, pesquisadores e educadores da área.

Os objetivos gerais da proposta curricular — que, de fato, estaria mais bem descrita como um conjunto de subsídios não normativos para a elaboração de currículos regionalizados, culturalmente relevantes — enquadram-se dentro de uma concepção de educação básica, porém não rudimentar, que vai muito além da mera aquisição do alfabeto e dos números. O conhecimento da escrita, das instituições e da cultura letradas é entendido pelos autores da proposta como um instrumento para a participação crítica e consciente dos excluídos cultural, econômica e politicamente do contexto social brasileiro. Objetivos como a capacitação para o acesso continuado a outras modalidades de ensino, a incorporação mais equitativa no mundo do trabalho, o desenvolvimento da cidadania, o fortalecimento da identidade cultural, a valorização dos conhecimentos científicos, li-

terários e artísticos, para citar apenas alguns, deixam clara a orientação social, política e ética da proposta.

A obra está dividida em quatro partes. Na primeira parte, os capítulos fornecem o marco conceitual necessário para a compreensão do trabalho e de sua orientação político-pedagógica. Na *Introdução*, encontra-se a justificativa para elaboração dos subsídios curriculares, salientando-se a concepção de aprendizagem subjacente e o perfil do cidadão que a educação básica deverá formar. No capítulo seguinte — Breve Histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil — são descritos diversos programas de educação de adultos, desde o fim da Segunda Guerra Mundial até a década de 90, descrição essa que contribui com clareza e objetividade para se entender as causas do fracasso das sucessivas campanhas de alfabetização no país e se pensar em alternativas. No outro capítulo dessa primeira parte — Fundamentos e Objetivos Gerais — o problema do adulto não escolarizado é dimensionado a partir das perspectivas social, cognitiva, cultural e afetiva, perspectivas essas que ajudam a explicitar as necessidades educacionais desses grupos, e o papel que cabe à escola e ao alfabetizador no processo educativo.

As três partes seguintes estão dedicadas à apresentação de conteúdos e objetivos específicos nas áreas de Língua Portuguesa, Matemática e Estudos da Sociedade e da Natureza. Cada uma dessas partes está dividida em dois capítulos: Fundamentos e Objetivos da Área e Blocos de Conteúdo e Objetivos Didáticos.

Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, a concepção de linguagem que subjaz aos objetivos é coerente com descrições das ciências da linguagem da era moderna. Isso já é, em si, um ponto extremamente positivo, num contexto em que o ensino da língua materna ainda é pautado pela

gramática tradicional, sem levar em conta a evolução dos últimos cem anos de estudos lingüísticos. Os conteúdos selecionados propiciam o desenvolvimento de situações comunicativas que permitem experimentar as diferentes modalidades da escrita. Tomando como ponto de partida o respeito à diversidade lingüística, propõe-se a construção da modalidade escrita apoiada em atividades de expressão oral que exijam o envolvimento social, cognitivo e afetivo dos alunos, tais como debater, argumentar, reelaborar os conhecimentos, construir novos conceitos.

Assim fundamentado, o trabalho com a escrita representará uma continuação da atividade discursiva dos alunos, em vez de representar uma ruptura com suas práticas de linguagem (e sua variante lingüística) de origem. Tal questão é fundamental para ajudar o aluno na construção desse novo sistema simbólico de comunicação, de representação do mundo, de instrumento para a ação, e na aprendizagem do código que possibilita o uso desse sistema.

Os conteúdos propostos na seção estão de acordo com essa concepção de linguagem, oral e escrita. Dá-se ênfase ao trabalho com textos, mesmo com aqueles alunos que ainda não têm autonomia na leitura. Os autores salientam a viabilidade de trabalhar com essa unidade lingüística, como um caminho mais produtivo para se chegar ao letramento, do que o trabalho com unidades menores, mas desprovidas de sentido, como as letras, as sílabas e as palavras. De forma muito clara e pertinente, os autores mostram que a aprendizagem destas últimas é a decorrência natural do contato com o texto, enquanto o caminho avesso não leva necessariamente à leitura e escrita do texto. Mostram, ao mesmo tempo, que na participação do aluno nas práticas letradas das diversas instituições com as quais entra em contato — no trabalho, na saúde, no lazer — será o texto a unidade que lhe permitirá fazer sentido desses textos.

A importância que, para os autores, tem o trabalho com textos fica evidente na retomada que eles fazem dessa questão no capítulo que elenca conteúdos e objetivos específicos. A tipologia de textos adotada baseia-se no trabalho de Kauffman e Rodrigues¹. Ela não é a mais consistente em se considerando os critérios para a classificação de textos utilizados por essas autoras, que combinam aspectos situacionais e comunicativos, funcionais, e estruturais. cremos, porém, que atende às necessidades de apresentação e organização de conteúdos textuais do professor no seu trabalho de inserção dos jovens e adultos nas práticas de leitura e produção de textos. Entretanto, o tratamento textual ressent-se pelo fato de os autores da proposta não relacionarem os tipos de textos às formas de organização textual — narração, descrição, explicação/exposição e argumentação, elencadas separadamente, como tópicos no ensino da linguagem oral. Se a construção do conhecimento sobre a escrita deve estar solidamente fundamentada na oralidade do aluno, seria coerente relacionar essas formas de organização textual com os tipos de textos escritos. Entretanto, não podemos deixar de notar que esse é um aspecto secundário, tendo em vista a abrangência da proposta (que inclui desde os conteúdos e objetivos tradicionais da ortografia até os de tipologia textual) e a carência de outras contribuições que façam do texto a unidade para planejar e sequenciar as atividades de alfabetização.

Estendemo-nos na seção que trata da língua portuguesa, porque o tratamento dado ao tema exemplifica e dá o tom do que será realizado em relação às outras duas áreas de conteúdos e objetivos abordados na proposta. Em relação ao ensino de Matemática, a ênfase dos autores recai também na aprendizagem de conceitos e formas de raciocínio relevantes para a compreensão

1. Kauffman, A. M., Rodrigues, M. E. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

do contexto e para a participação no mundo tecnológico, informatizado, de alto grau de complexidade. Enfatiza-se a necessidade de partir dos conhecimentos matemáticos já adquiridos, de maneira informal e intuitiva, pelos jovens e adultos não escolarizados: os processos convencionais de representação simbólica pela escrita numérica devem levar em conta os seus processos informais de representação para serem reelaborados pela mediação do professor, isto é, pelo diálogo e discussão de situações do cotidiano que envolvem noções e representações matemáticas, tais como os dados de identificação do aluno, as atividades de compra e venda, a utilização de serviços básicos que requeiram cálculos numéricos, planejamentos, medições e assim sucessivamente.

Como em relação aos estudos da linguagem, são priorizadas as estratégias de interpretação e busca de soluções, em vez do treino e exercitação mecânicos, de caráter fechado. Daí propor-se a resolução de problemas como o eixo condutor das diversas atividades de matemática. É importante notar que essa atividade de resolução de problemas é concebida como uma atividade mental densa e complexa, que foge da resolução padronizada, e que envolve capacidades como compreensão, comparação, analogia, elaboração de hipóteses. Com os procedimentos adequados, os autores demonstram que esse envolvimento cognitivo é viável e eficiente. Coerentemente com essa concepção de ensino e do sujeito aprendiz, a proposta curricular de matemática enfatiza as estratégias de cálculo e estimativas nas operações numéricas e integra conteúdos de medidas, geometria, estatística, relevantes no cotidiano do aluno, bem como sua representação. Novamente, desconstrói-se, indiretamente por meio de soluções e encaminhamentos pedagógicos pertinentes, o mito do analfabeto comprometido cognitivamente pelo fato de não ter aprendido a ler e escrever quando criança.

A terceira parte — Estudos da Sociedade e da Natureza — permite articular mais

diretamente os objetivos gerais da alfabetização de jovens e adultos — o desenvolvimento da cidadania, o fortalecimento da identidade, a participação consciente na realidade — a temas específicos relativos ao ambiente social, histórico-cultural e natural do educando, porém fugindo de uma concepção meramente instrumental ou funcional, e portanto reducionista, do curso de alfabetização de jovens e adultos que limita *a priori* os tópicos a serem desenvolvidos.

Os eixos temáticos, ou blocos de conteúdo, propostos (a saber, o educando e o lugar de vivência, cultura e a diversidade cultural, as atividades produtivas e as relações sociais, cidadania e participação, os seres humanos e o meio ambiente, e o corpo humano e suas necessidades) integram conceitos e valores fundamentais para a cidadania e respondem a questões urgentes para a sociedade brasileira de hoje. A inclusão de temáticas sociohistóricas no currículo escolar não é preocupação inédita, mas a sua articulação com objetivos específicos, atingíveis e que apontam para soluções metodológicas claras e ao alcance do alfabetizador (considere-se, a título de exemplo, o objetivo de “recuperar a história pessoal do aluno por meio de relatos orais, escritos, desenhos ou dramatizações, valorizando positivamente sua experiência de vida” dentro dos conteúdos de identidade do aluno) constitui, de fato, uma contribuição inédita e de inegável importância até para a formação do próprio alfabetizador. Essa articulação, assim como a pertinência dos eixos temáticos escolhidos em relação a questões éticas das mais importantes, como a recuperação da auto-estima e o autoconhecimento desses jovens e adultos torna essa seção de inestimável valor.

A última parte deste volume — Planejamento e avaliação — traz recomendações de utilidade para a atividade profissional cotidiana do professor. Inclui-se aí um exemplo de um plano didático para uma turma de iniciantes, com unidades didáticas que combinam objetivos das três grandes

áreas articuladas a eixos temáticos. Os autores salientam a utilidade do plano didático que, além de responder as necessidades de formação específicas da turma, ajuda a evitar a dispersão no tratamento dos assuntos das diversas áreas mediante a explicitação de suas relações. O tópico de avaliação estabelece alguns critérios mínimos para a continuidade dos estudos dos alunos numa 5ª série do primeiro grau. Uma avaliação desse tipo é extremamente pertinente, tendo em vista os objetivos de grande parte dos alunos desses cursos, em particular dos mais jovens, de prosseguir seus estudos, e revela, mais uma vez, o compromisso político-pedagógico dos autores de não transformar a educação básica de jovens e adultos num fim em si. Ao invés disso, ela é considerada como uma primeira etapa num processo educativo que efetivamente melhorará as condições de inserção profissional e social dos alunos, e que lhes fornecerá o contexto para romper com o estigma de analfabeto no mundo letrado e para acreditar na sua capacidade de aprender, desconstruindo a patologização (Moysés e Collares²) do processo de ensino e aprendizagem que torna o analfabetismo cíclico na nossa sociedade.

Em todos os capítulos relacionados às três grandes áreas acima mencionadas, são oferecidas sugestões metodológicas importantes para o professor introduzir os conteúdos e assim atingir os objetivos específicos da área, com ênfase nas estratégias de ensino para aqueles alunos que se iniciam no mundo da escrita e dos números. Outra valiosa contribuição, que também percorre a obra toda, é o seqüenciamento dos conteúdos, que, embora levem em conta dificuldades ou pré-requisitos para abordar uma determinada questão, não oferecem soluções simplistas para determinar a progressão, mas insistem na prioridade de seqüências que só o conhecimento dos alunos, de suas necessidades e expectativas pode fornecer.

Um terceiro elemento, que é característica geral do trabalho, é a cuidadosa bibliografia

anotada, com um sumário crítico da obra e sua pertinência para o ensino da área. Tal bibliografia traz quase tudo aquilo que pode ser informativo para o professor e poderia ser considerada como uma obra à parte, essencial nos acervos para a formação do alfabetizador.

Os próprios autores alertam para uma omissão, deliberada portanto, em relação à Educação Física e à Educação Artística. Mesmo que tal omissão seja justificada — a obra, de belíssima apresentação, é muito abrangente — sente-se falta de pelo menos uma bibliografia sobre programas nessas áreas que poderia ter sido introduzida mediante relações mesmo que assistemáticas, com os conteúdos das três áreas trabalhadas. Tal relação seria particularmente valiosa para o ensino de adolescentes que, como sabemos, resistem muito mais ao ensino de áreas mais tradicionais, e demonstram, ao mesmo tempo, a necessidade característica de todo adolescente de expandir seu mundo sensorial e afetivo.

As objeções aqui apontadas são, como se pode ver, de caráter periférico. O livro é uma contribuição bastante completa para o ensino fundamental de jovens e adultos, está alicerçado numa orientação político-pedagógica que remete a questões éticas de base no processo educacional dos excluídos e apresenta encaminhamentos e soluções de caráter técnico coerentes com isso. É portanto uma obra fundamental para aqueles criticamente envolvidos na alfabetização de jovens e adultos.

Angela B. Kleiman

Professora Doutora do Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

2. Moysés, M. A. A., Collares, C. A. L. Sobre alguns preconceitos no cotidiano escolar. In: Alves, M. L. et al. (orgs.). *Alfabetização: passado, presente, futuro*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1993.